

# A VOZ DO COMERCIO

## QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



Filiado no Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional

<b>ASSINATURAS</b> (Pagamento semestral adiantado)	Director e administrador <b>Antonio Martins da Fonseca</b>	<b>REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO</b> e TIPOGRAFIA
<b>CONTINENTE</b> . . . . . 12\$00	Editor <b>Alberto Fernandes Leal</b>	R. Santa Catarina, 502
<b>COLONIAS</b> . . . . . 26\$00		PORTO — (Portugal)
<b>ESTRANGEIRO</b> . . . . . 36\$00		
Numero avulso — 3\$50		
<b>DESPESAS A CARGO DO ASSINANTE</b>		
<b>3.º ano</b>	<b>Pôrto, 1 de Julho de 1931</b>	<b>N.º 1 (2.ª série)</b>
<b>EDIÇÃO DA EMPREZA "A VOZ DO COMERCIO", LIMITADA</b>		

# GUIMARÃES

Não caberia nos estreitos limites de que dispomos, dentro de um número deste Quinzenário, uma descrição minuciosa desta importante terra, a que andam tão intimamente ligadas as nossas mais ricas tradições históricas, mas não é nosso propósito fazê-la, porque para isso não chegariam tôdas as suas páginas.

Desejamos somente compilar umas ligeiras notas, que possam justificar a nossa modestíssima homenagem ao berço da nossa nacionalidade.

Não profundamos a sua origem que se perde na noite dos tempos, deixando essa missão aos investigadores de antiguidades e arqueólogos.

Guimarães, que tem dado à Pátria um bom contingente de homens ilustres, como sejam: D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, o papa D. Damaso, de venerável memória, Gil Vicente, glorioso fundador do Teatro português, etc., não se tem descuidado no entanto no que respeita à sua prosperidade material, podendo dizer-se sem receio de desmentido, que ela é hoje depois de Lisboa e Pôrto, a terra mais industrial e comercial do País.

As suas numerosas fábricas e oficinas são disto uma demonstração flagrante.

Não se limita presentemente Guimarães a produzir os garfós e facas, que têm dado ensejo a tão cómicas comparações. Não! Ela hoje quasi se basta a si própria, produzindo os lençóis e os cobertores da sua cama, as suas camisas, as suas meias, as suas camisolas, as toalhas

da sua meza, ainda que elas sejam de finos labores desenhados no setinoso linho, o mobiliário da sua casa modesta ou opulenta, o seu calçado, os seus chapéus e tantas coisas que são indispensáveis à vida moderna.

E não se fica por aqui, pois a manteiga mais fina lá consumida, é também lá fabricada, assim como os ricos doces de receitas monásticas, que velhas servilhetas de conventos, restituidas ao ar livre, para lá levaram com o hábito de os servirem ao próximo.

Guimarães produz excelentes vinhos verdes e possui importantíssimas fábricas de cortumes, fundição, doce de fruta, velas de sebo, etc.

Encontram-se lá indústrias de menor importância,

mas que demonstram bem a actividade do solar sacrosanto da velha raça portuguesa, como sejam: sabão, olaria, cera, cola, ourivesaria (outrora a sua maior indústria), papel, etc.

Se as nossas estatísticas industriais estivessem devidamente organizadas, reconhecer-se-ia sem dúvida, que a actividade fabril do concelho de Guimarães, tem progredido por forma a marcar-lhe um lugar proeminente no desenvolvimento do trabalho nacional!

Devemos destacar a fábrica de tecidos de linho e algodão do Castanheiro, pertencente à firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, situada na estrada das Taipas, notável pela sua instalação a vapor, que sendo



GUIMARÃES — Vista geral da cidade



a mais antiga do concelho é justamente considerada no País e no estrangeiro.

Egualmente merece destaque a fábrica de tecidos manual de Bento dos Santos Costa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>, firma esta de que é hoje principal sócio o snr. João Rodrigues Loureiro, industrial de largas vistas, ainda ultimamente agraciado pelo snr. Dr. João Antunes Guimarães, ilustre Ministro do Comércio, e que também tem prestado o mais valioso dos concursos ao desenvolvimento de uma empreza colonial de largo futuro, com importantísimas plantações no distrito de Quelimane.

Não podemos terminar estes breves apontamentos, sem nos referirmos ainda que muito ao de leve, à prestimosa Sociedade Martins Sarmiento, que tem a sua sede no extinto convento de S. Domingos, junto ao mercado, e que foi fundada em 1884 pelo arqueólogo daquelle nome. Tem uma biblioteca que ocupa dois salões com

cêrca de 35.000 volumes e êsse importante Museu Arqueológico, um dos primeiros do País e que tantos exemplares contem duma excepcional raridade e valor. Inaugurado ha 47 anos, ainda ha portugueses que se dizem viajados, que nem de nome o conhecem!

Os valiosos e numerosíssimos objectos que hoje occupam as galerias do Museu Arqueológico de Guimarães, constituem se não na totalidade, pelo menos na sua grande maioria, dádiva do grande e erudito investigador vimaranense que se chamou Francisco de Gouveia Martins Sarmiento.

Sem êsse benemérito da instrução, não existiria hoje a sociedade que se formou sob a sua égide, por uma pleiade brilhante de homens de espirito esclarecido e rara energia, e que tão alto tem levantado o nome scientifico português adentro e fóra de fronteiras!

F. G.

## ¿QUAL A MELHOR TINTA PORTUGUESA DE ESCREVER?

A propósito da informação que sob esta epígrafe publicamos no n.º 40 de «A Voz do Comercio», a firma *A. Ferreira* remeteu-nos vários documentos, que desconhecíamos e que comprovam a aludida informação, pelo que os publicamos a seguir.

### António Martins da Fonseca.

#### Da Cotação da Bolsa de Lisboa.

«Ex.<sup>mo</sup> Srs. A. Ferreira, L.<sup>da</sup>—R. da Junqueira, 233—LISBOA.

«Acusamos a recepção da carta de V. Ex.<sup>ma</sup> com data de 11 do corrente e em resposta informamos que os resultados que temos obtido com os produtos do seu fabrico, de que fazemos uso exclusivo, não podem ser mais lisonjeiros para a Indústria Nacional e para a marca «A. Ferreira».

«Cumpre-nos também dizer que ha bastantes anos empregamos nestes serviços a «Tinta Lisbonense» da referida marca e que todos os documentos, pela sua nitidez, parecem recentes, quando somos conhecedores que outros mais modernos feitos com tintas de marcas diversas estão pouco legíveis.

«Congratulamo-nos como Portugueses e como Patriotas de lhes poder fornecer estes informes, autorizando V. Ex.<sup>ma</sup> a fazer uso deles como melhor julgarem conveniente.

«Subscrevemo-nos com toda a consideração

«Lisboa, 23 de Outubro de 1929.

«De V., etc.

«Cotação da Bolsa de Lisboa

«O Director»

(assinado).

#### Da Associação Commercial de Lisboa.

«Lisboa, 7 de Outubro de 1929.

«Ex.<sup>mo</sup> Snr. A. Ferreira, L.<sup>da</sup>—R. da Junqueira, 233—LISBOA.

«Acuso recebida a carta de V. Ex.<sup>ma</sup>, em data de 16 de Setembro último e o acompanhante mostruário que tiveram a amabilidade de oferecer a esta corporação para serem experimentados na sua secretaria os produtos do mesmo constante.

«Agradecendo a oferta de V. Ex.<sup>ma</sup>, devo dizer-lhes que as suas tintas e os seus outros artigos, como colas e lacres, já por vezes têm sido empregados no expediente desta corporação com excelente resultado. A aplicação agora feita com as amostras remetidas não faz mais do que confirmar a sua excelente qualidade e a convicção de ha muito criada de que não são inferiores em qualidade aos similares estrangeiros. Trata-se, enfim, de produtos que, quer pelo seu fabrico como por sua apresentação, acreditam a indústria nacional.

«Apresento a V. Ex.<sup>ma</sup> os meus respeitosos cumprimentos.

«Saude e Fraternidade.

«Associação Commercial de Lisboa

«O Chefe da Secretaria Geral»

(assinado).

#### Do Banco de Portugal.

«Ex.<sup>mo</sup> Srs. A. Ferreira, L.<sup>da</sup>—LISBOA.

«Satisfazendo o desejo manifestado em sua carta de 30 de Outubro findo para darmos a nossa opinião sobre os produtos fabricados por V. Ex.<sup>ma</sup> temos muito prazer em informar que ha já muito tempo elles são usados nestes Banco com plena satisfação e acreditando bem a indústria nacional.

«Sem outro assunto, somos com estima

«De V., etc.

«Pelo Banco de Portugal

«Os Directores»

(assinado).

#### Da Associação Industrial Portuense.

«Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. António Ferreira.

«Com o presado officio que V. Ex.<sup>ma</sup> se dignou endereçar-me em data de 17 de Julho p. p. tive a honra de receber diversas amostras de tintas de escrever, que submeti a experiência na Secretaria desta Associação, sendo plenamente satisfatório o resultado obtido, pelo que felicito a V. Ex.<sup>ma</sup> pelo aperfeiçoamento que introduziu nesta indústria, o qual, dando às diversas qualidades de tintas uma qualidade superior, vem collocá-las no mercado em substituição vantajosa das estrangeiras.

«Agradecendo, como me cumpre, a atenção que V. Ex.<sup>ma</sup> dispensou a esta Associação, tenho a honra de lhe oferecer os modestos serviços que ela possa dispensar-lhe.

«Pôrto e Secretaria da Associação Industrial Portuense,  
6 de Setembro de 1899.

«O Vice-Presidente em exercicio»

(assinado).

#### Da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa

«Ex.<sup>mo</sup> Snr. A. Ferreira, L.<sup>da</sup>—R. da Junqueira, 233—LISBOA.

«Acusamos a recepção dos produtos da sua indústria para experiência: apraz-nos comunicar-lhes que conhecemos de ha muito êsses produtos pelo uso que deles vimos fazendo numa justa preferéncia pelas tintas e colas da vossa marca que podem ser consideradas sem rival no nosso país.

«Os vossos produtos honram sobremaneira a indústria nacional e podem enfileirar sem desdouro com os similares estrangeiros de reputação conhecida.

«Podem V. Ex.<sup>ma</sup> fazer uso desta nossa opinião como houverem por bem.

«Com os nossos agradecimentos desejamos a V. Ex.<sup>ma</sup> Saude e Fraternidade.

«Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa,  
15 de Outubro de 1929.

«O Director Secretário»

(assinado).

Visado pela Comissão de Censura



# SECÇÃO TÉCNICA

## A nomeação dos peritos em contabilidade e a retribuição do seu trabalho

por EMILIO DE FIGUEIREDO

Expert-Comptable, Membro da S. C. de França, da S. A. C. da Bélgica, da A. I. C. de Bruxelas

e Primeiro Secretário do Instituto Brasileiro de Contadores de S. Paulo.

(CONCLUSÃO)

### Lei sobre peritos contabilistas

Considerando de alta conveniencia para os interesses do Estado a necessidade de acautelar a reciprocidade de garantias entre este e o perito-contabilista, para os effeitos de quaesquer trabalhos que lhe possam eventualmente ser confiados na defesa dos mesmos interesses;

Considerando, finalmente, que é da maior vantagem e da mais perfeita garantia que sejam as entidades mais directamente interessadas neste assumpto, quem escolham, ellas proprias, os individuos nas condições dos considerandos precedentes;

O Governo Provisorio da Republica Portugueza ha de por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º São criadas pelo Ministerio da Justiça duas camaras de peritos-contabilistas, uma para o norte e outra para o sul do paiz.

§ unico. As respectivas zonas são limitadas pelo Mondego.

Art. 2.º Os peritos-contabilistas a que se referem os §§ 2.º e 3.º do artigo 17.º do decreto de 13 de Abril do corrente anno, pertencerão a estas camaras, as quaes serão compostas de entidades idoneas, com penalidades taxativas para os erros que cometerem no desempenho das suas funcções, quer sejam considerados erros de officio quer de dolo ou peita.

Art. 3.º São attribuições das camaras dos peritos-contabilistas:

1.º Dar parecer e verificar as contas que digam respeito ao balanço e relatorio que devem ser apresentados ás assembleias geraes das companhias e sociedades anonymas.

2.º Proceder a exame nas escriptas quando ordenado pelos respectivos juizos nos processos commerciaes, criminaes ou civeis.

§ unico. Depois de publicada a presente lei e seu regulamento, só produzirão effeitos juridicos os casos em que tenham intervindo os peritos das camaras de que trata a presente lei.

Art. 4.º Em todos os pleitos commerciaes estes peritos têm competencia juridica.

Tendo a experiencia demonstrado a necessidade de dar auctoridade juridica aos contabilistas chamados a intervir como peritos nos diversos pleitos:

Considerando que, de ha muito, as funcções dos peritos guarda-livros nas suas relações com os tribunaes e no que ellas representam para os interesses das entidades, que na competencia e probidade de taes peritos tem de confiar, carecem de ser regulamentados;

Considerando que a documentação dos diversos plei-

tos que lhe são affectos, tanto nos propriamente ditos commerciaes, como nos criminaes ou civeis, tem de offerrecer as necessarias garantias, tanto sob o aspecto profissional, como sob o da sua incontestavel honorabilidade, afim de merecer a confiança indispensavel á administração da justiça, collocando, ao mesmo tempo, a classe dos guarda-livros, como taes conhecidos, no logar que por direito lhes pertence;

Considerando quanto é pernicioso a pratica que se tem seguido de serem chamados a intervir em assumptos de contabilidade, individuos sem a competencia profissional indispensavel;

Considerando que, de tal pratica, tem resultado, pelos effeitos juridicos que produz, um descrédito sempre crescente para a classe dos peritos contabilistas que, assim, vêem invadido o seu campo de acção profissional, por inexperientes e curiosos da especialidade, podendo dar logar a deploraveis erros de officio, e levar, por esse facto, os tribunaes a resoluções injustas e iniquas;

Considerando que, a par das responsabilidades que aos mesmos peritos são impostas pelos erros praticados no desempenho do seu mistér, como officiaes de justiça, que são, é indispensavel ao mesmo tempo dar-lhes todas as garantias a que têm direito, pelo effeito juridico da profissão que exercem.

Art. 5.º As camaras de peritos-contabilistas a que se referem o artigo 1.º, serão compostas: no norte por doze individuos, quatro dos quaes indicados por cada uma das seguintes colectividades: Tribunal do Commercio, Associação Commercial do Porto e Associação Industrial Portuense; e no sul por vinte e quatro individuos escolhidos tambem por cada uma das seguintes corporações: Tribunal do Commercio, de Lisboa, Associação Commercial de Lisboa, Associação Industrial Portugueza, Associação dos Logistas de Lisboa, Associação de Agricultura Portugueza e Associação dos Advogados.

Art. 6.º As camaras de peritos-contabilistas depois de constituídas darão parte dos nomes dos individuos que as compõem ao Ministerio da Justiça afim deste os communicar á Repartição Technica da Fiscalisação das Sociedades Anonymas.

Art. 7.º Fica revogada a legislação em contrario. Determina-se, portanto, que todas as auctoridades, a quem pertença a execução da presente lei, a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

Os ministros de todas as Repartições a façam cumprir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da Republica, em 27 de Maio de 1911. — Joaquim Teophilo Braga — Antonio José d'Almeida — Bernardino Machado — José Relvas — Antonio Xaxier Correia Barreto — Amaro de Azevedo Gomes — Manoel de Brito Camacho.



# A contabilidade dos gastos com conferência

O gerente de uma importantíssima empresa comercial pediu-nos para estudarmos um processo, que permitisse contabilizar todos os gastos de um negócio de uma forma detalhada e minuciosa, de maneira a poder-se averiguar com precisão todas as suas variedades, visto os gastos representarem indubitavelmente um dos factores mais consideráveis do comércio e qualquer modificação que represente uma economia efectiva nos mesmos, aparecerá no fim do ano como um aumento de lucros.

Para o nosso estudo não fixou limite algum de custo, nem condições, deixando que a nosso critério planeássemos a organização do processo de escrituração com absoluta liberdade, desde que fosse de fácil adaptação ao habitual movimento administrativo de uma empresa.

O plano que recomendamos foi adoptado e produziu excellentes resultados, porque sem grande esforço por parte do gerente, foi-lhe possível estabelecer uma fiscalização efectiva sobre todas as despesas, evitando as infiltrações e desperdícios, que desgraçadamente existem no meio comercial; conseguiu reduzir os gastos supérfluos e pouco produtivos, aumentando por consequência os resultados e além disto tudo, teve sempre um preciso e completo conhecimento do importe das despesas.

A prática demonstrou-nos pois, que com uma organização semelhante, o chefe de uma empresa tem um elemento consideravelmente útil para aumentar os lucros do negócio e se souber aproveitar os seus ensinamentos, pode evitar muitos dissabores e fracassos.

Visto este processo adaptar-se a todas as empresas, vamos, com permissão do citado gerente, fazer a descrição do mesmo, suprimindo-lhe todas as particularidades próprias do negócio para que foi creado.

Tratou-se de estudar os gastos sob o aspecto de organização, para que tivessem a devida ligação com a contabilidade do negócio, cabimento no regimen administrativo da empresa e facilitasse aos empregados a compreensão e seguimento do plano. Sob o aspecto de direcção, requeria que os gastos estivessem divididos e classificados por forma racional, agrupando-se as despesas similares de maneira que pudessem ser estudadas progressivamente, podendo esse estudo chegar até uma análise, rubrica por rubrica, das que formam os gastos. Quer dizer, que os dados não sejam, nem uma relação de despeza por despeza ou pagamento por pagamento, nem tão pouco uma cifra global de todo o seu importe, mas sim, organizar com esses dados diversas estatísticas agrupando a mesma espécie de despesas. Com referência ao seu valor para contabilidade, era mister que os dados fossem de grande exactidão, que os registos dos mesmos podesse fazer-se diariamente e que as suas normas enquadrassem nos métodos de escrituração geralmente usados pelo commercio, isto é, que fossem compatíveis com a contabilidade official, feita por partidas dobradas.

Estas condições, que representam as qualidades gerais que deve reunir um sistema de escrituração, foram obtidas plenamente pelo sistema que descrevemos.

Mencionadas as características principais exigidas, começamos por fazer uma relação detalhada das espécies de gastos que pode ter um negócio, as quais agrupamos em três grandes divisões, a saber:

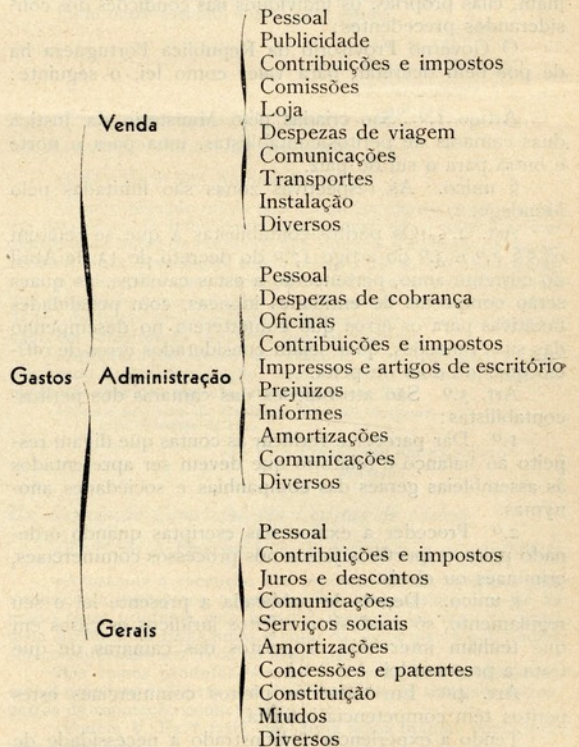
*Gastos de Venda*  
*Gastos de Administração*  
*Gastos Gerais*

Estas divisões foram por sua vez desdobradas em dez grupos cada uma, segundo a orientação exposta no quadro sinoptico modelo A. Desta maneira obtem-se:

o importe total dos gastos, a sua classificação em três divisões, o desdobramento destas em trinta grupos e por último poderá fazer-se sobre cada um destes um detalhe desenvolvido e minucioso, lançamento por lançamento, se se desejar ampliar mais o seu estudo. Por exemplo, se se quizesse analisar com toda a minuciosidade os gastos de publicidade, poderíamos desdobrá-los em:

Imprensa  
Gravuras  
Cartazes  
Rural  
Luminosos  
Prospectos  
Directa  
Montras  
Exposições  
Diversas

ou adoptar esta outra classificação, dividindo a imprensa em *periódicos, semanários, revistas, anúncio preferente, gazetilha, artigos, anúncio ordinário, etc.* e o cartaz em *desenho, litografia, afixação, impostos, etc.*, podendo ainda cada uma destas rubricas ser relacionada por verbas, o que nos permitiria chegar à minuciosidade de fazer uma lista com pagamento a pagamento e verba a verba.



Modelo A. — Quadro sinoptico da classificação de gastos

Depois, tendo por base um demorado estudo da marcha dos negócios nos últimos anos e levando em conta os preços actuais de tudo o que se relacionava com os gastos, estabeleceu-se um orçamento, indicando para cada mês as quantias que, segundo esse estudo, se



# Pequenas, grandes coisas...

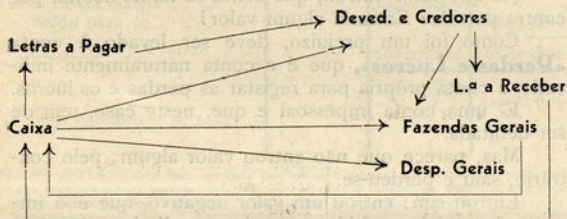
## COMO SE PODE INTERPRETAR UM ESQUEMA

São para os principiantes, estas desprezenciosas linhas, como já tive ocasião de dizer. No entanto, a ideia d'êste «artigosinho» nasceu-me do embaraço em que encontrei um guarda-livros (de g. pequeno) que era candidato a um lugar vago por um colega de G. grande, quando lhe apresentaram o esquema da escrituração da casa onde pretendia empregar-se.

Intitulava-se a si próprio Guarda-livros, não porque possuísse o respectivo diploma ou porque com os anos de prática se reconhecesse apto a desempenhar êsse lugar, mas sômente porque teve a felicidade de ser nomeado Guarda-livros duma sociedade anônima (!) importante que, a breve trecho, reconhecia a sua incompetência atestada num balanço que organizou, cujo activo não jogava com o passivo!!

Perdoe-se-me esta introdução e vamos ao que importa.

Apresentamos para estudo o seguinte esquema, duma escrituração comercial:

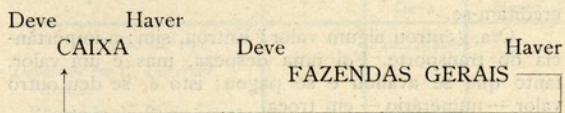


Como se conhece a relação que ha entre o título «CAIXA» e o de «Fazendas Gerais», ligados no esquema por uma seta? Muito simplesmente:

Todos sabem que o «DEVE» de qualquer conta é no lado ESQUERDO, e o «HAVER» no lado DIREITO. A linha que parte da direita do título de «Fazendas Gerais», indica que êste título tem a «HAVER» de «CAIXA», que é onde termina a seta e consequentemente

«CAIXA» DEVE a «Fazendas Gerais», porquê a seta termina no lado esquerdo daquele título.

Exemplificando:



Agora pergunta-se: por que motivo a seta, em vez de começar no título «CAIXA», começa na conta credora e acaba naquele? porque a conta credora é que originou o lançamento: vendemos mercadorias, portanto saíram «Fazendas Gerais» que deram origem à operação.

«CAIXA» —————> «DESPEZAS GERAIS»

Por que motivo parte a seta do «CAIXA» indo terminar em «DESPEZAS GERAIS»? Porque «CAIXA» é que originou o lançamento. Compramos com dinheiro D: G:, portanto o que deu origem ao lançamento foi a saída de dinheiro de «CAIXA»: Caixa a haver de D. Gerais.

Damos a seguir todo o movimento de contas respeitante ao esquema:

- D. e Cred. a Caixa
- Fazendas Gerais a Caixa
- Desp. Gerais a Caixa
- Deved. e Cred: a Letras a Pagar
- Fazendas Gerais a Deved. e Cred:
- Letras a Receber a Deved. e Cred.
- Caixa a F. Gerais
- Caixa a L. a Receber
- L. a Pagar a Caixa

Luanda.

M. V.

deveriam gastar. Do orçamento anual de gastos que ascendia a 155.000 pesetas, supunha-se que em cada mês se teriam de dispender as seguintes quantias:

Mês	Quantia (Pts.)
Janeiro	12.000
Fevereiro	10.000
Março	10.000
Abril	15.000
Mai	15.000
Junho	12.000
Julho	10.000
Agosto	10.000
Setembro	15.000
Outubro	12.000
Novembro	15.000
Dezembro	19.000
<b>Total</b>	<b>155.000</b>

de forma que as Pts. 12.000 do mês de Janeiro foram divididas em:

Gastos	Quantia (Pts.)
Gastos de venda	6.500
> administração	2.500
> gerais	3.000
<b>Total</b>	<b>12.000</b>

cujas importâncias eram sempre os valores prováveis que se deviam gastar.

Logo que se faça uma despesa, quer seja por se ter efectuado o seu pagamento, quer por se ter lançado o seu importe em conta-corrente, debitar-se-ha uma conta denominada *Gastos a repartir*, pelo seguinte lançamento

Gastos a repartir a } Caixa  
Conta-correntes

(Da revista «Actividad»)

José Gardó.

(Continua)

Dentro de cada mês estabeleceu-se a cifra que correspondia a cada um dos três grupos de gastos,



# FORMAS MUITO PRÁTICAS DE ARRUMAR QUALQUER ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

## INTERESSA PRINCIPALMENTE AOS PRINCIPIANTES

(CONTINUAÇÃO)

Continuando, imaginemos que pagamos de transporte das mercadorias daquela compra, 110\$—.

¿Que lançamento teremos a fazer no **Memorial**?

Vejamos: A regra, respeitante às contas impessoais, diz: Os valores que entram debitam-se e os que saem creditam-se.

Ora, ¿entrou algum valor? Entrou, sim: a importância do transporte. Foi uma despesa, mas é um valor, tanto que se avaliou e se pagou; isto é, se deu outro valor — numerário — em troca.

Esse valor, o transporte, veio aumentar o custo da mercadoria, deve, pois, ser adicionado a ela, ser incluído ou levado em conta no preço de venda; pode e deve, portanto, ser considerado como mercadoria.

E por que entrou, debita-se na respectiva conta, na conta **Mercadorias**; em oposição, por contra-partida, credita-se a conta **Caixa**, que é a que representa o valor — dinheiro ou numerário — que foi dado, que saiu em troca, e por que saiu se credita.

Eis, por conseguinte, o lançamento a escriturar no **Memorial**:

### Mercadorias a Caixa

Pelo transporte das mercadorias que constam do talão 1076, de Alfredo Ferreira & C.a, L.da. . . . . 110\$—

A propósito, diremos que ha despesas gerais e despesas especiais.

Despesas gerais são as que affectam todo o negócio, por exemplo: ordenados, alugueis, selos e estampilhas, livros para escrituração, papel para apontamentos, tinta, etc., e, por isso, são escrituradas numa conta própria, que se denomina **«Despesas Gerais»**.

Despesas especiais, são as que sobrecarregam determinados valores e, portanto, são levadas as respectivas contas; como, por exemplo: o transporte de mercadorias, que, sendo de nossa conta, deve a sua importância ser lançada na conta **«Mercadorias»**; as despesas com consignações, que, por só influírem em consignações, de conta própria ou de conta alheia, só na devida conta de consignação podem ser lançadas.

Portanto, vamos supor que pagamos de nossa conta o despacho de mercadorias. Foi uma despesa especial, que só affecta as mercadorias a que diz respeito, aumentalhes o custo; é, pois, um valor positivo, um valor activo, que entra e que vai, por que só deve ir, para a conta **«Mercadorias»**.

Não é verdade?

Ora, temos, pois, duas contas impessoais a escriturar: A conta **«Mercadorias»**, pelo importe do despacho e a conta **«Caixa»**, pelo numerário que saiu para o pagamento dessa despesa.

Recordando a regra que nos ensina a debitar e a creditar as contas impessoais, vemos, que:

Todos os valores que entram debitam-se e os que saem creditam-se.

Sabemos, que debitar uma conta é assentar no débito ou escriturar do lado esquerdo; creditar, é assentar no crédito ou escriturar do lado direito.

Por conseguinte: O importe do despacho é um valor que entrou e se refere a mercadorias e, pois, se debita na

conta **«Mercadorias»**; o numerário que se deu em troca, é um valor que saiu da caixa e, por isso, se credita na conta **«Caixa»**.

O lançamento a escriturar no **«Memorial»** é, portanto:

### Mercadorias a Caixa

Significa que: a conta «Mercadorias» deve à conta «Caixa».

Indica que se deve debitar a conta «Mercadorias» e creditar a conta «Caixa».

### Outro exemplo:

Suponhamos que se deteriorou ou se perdeu parte duma mercadoria. Foi um valor que deixamos de possuir e portanto que saiu, que, pois, segundo a regra, se tem de creditar na conta **«Mercadorias»**.

¿E que valor entrou, que conta se ha-de debitar por contra partida? Entraria algum valor?

Como foi um prejuizo, deve ser levado à conta **«Perdas e Lucros»**, que é a conta naturalmente indicada, a conta própria para registar as perdas e os lucros.

É uma conta pessoal e que, neste caso, tem de ser debitada.

Mas, parece que não entrou valor algum; pelo contrário, saiu e perdeu-se.

Entrou sim: entrou um valor negativo, que é o importe do prejuizo sofrido, um valor que diminue o activo.

Isto é: saiu um valor positivo, mercadoria, e, portanto, a conta **«Mercadorias»** tem haver esse valor, tem de ser creditada, e entrou um valor negativo, perda, e, por isso, a conta **«Perdas e Lucros»** deve, tem de ser debitada.

### Perdas e Lucros a Mercadorias

### Mais um exemplo:

Pagamos o ordenado aos empregados e o aluguel do escritório.

São despesas gerais, despesas que diminuem o resultado do exercício (1).

São valores, tanto que foram avaliados, foram contratados, adquiridos.

O trabalho que nos prestaram os empregados é um valor, como o é também a concessão de podermos ocupar os aposentos do escritório.

São valores que dizem respeito a despesas que, como disse, diminuem o resultado do exercício, são pois, valores negativos.

Portanto, valores que entraram pela conta **«Despesas Gerais»** saindo, em troca, numerário, valor activo, que, por que é numerário e saiu, tem de ser creditado na conta **«Caixa»**.

Lançamento no «Memorial»:

### Despesas Gerais a Caixa

(Continua).

A. M. F.

(1) Exercício, comercialmente, é o período de operações que decorre dum balanço anual a outro.



# MONOGRAFIA

## CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(CONTINUAÇÃO)

### N. 1 Agencia de Santos

Lista dos lançamentos do Livro Caixa em 14 de Janeiro de 1899

	Deve	Haver
<i>Commissões</i>		
1/8 % do pagamento s/ S. Paulo . . . . .	6\$25	
<i>Ordens de pagamento s/ S. Paulo</i>		
Recebido de L. A. para pagar a T. . . . .	5.000\$00	
<i>Prestações Antecipadas</i>		
Recebido de F. G. 1.ª prestação vencível a 30-6-99. . . . .	3.968\$81	
<i>Remessas para Santos</i>		
Recebido da Agencia do Banco de São Paulo, o/ sua e c/ nossa matriz . . . . .	100.000\$00	
Saldo para 19 . . . . .		108.975\$06
	108.975\$06	108.975\$06
Saldo . . . . .	108.975\$06	
O thezoureiro — H. Lima.		

NOTA.—Esta lista, enviada de Santos á matriz, é o documento pelo qual são organisadas as partidas relativas ás entradas e sahidas de dinheiro, e tambem a que serve para os lançamentos nos registos em que são descriptas as operações effectuadas.

### N 2 Agencia de Santos

Lista dos lançamentos do Livro Caixa em 19 de Janeiro de 1899

	Deve	Haver
Saldo de 14 . . . . .	108.975\$06	
<i>Caixa Filial de S. Catharina c/c</i>		
Recebido de Olympio para pagar a Pacifico, de Joinville . . . . .	20.000\$00	
<i>Commissões</i>		
1 % do pagamento s/ S. Catharina . . . . .	200\$00	
1/2 % do credito concedido a Cotti & C.ª . . . . .	250\$00	450\$00
<i>Deposito a Prazo Fixo</i>		
Recebido de C. Dumont pelo prazo de um anno, v/ 19/5/900 . . . . .	70.000\$00	
<b>Pago</b>		
<i>Banco do Pará c/c</i>		
Pago: seu cheque n. 3001 . . . . .		13.000\$00
<i>Emprestimos Garantidos «Santos»</i>		
Cotty & C.ª, cheque n. 1 . . . . .		20.000\$00
<i>Emprestimos a Descoberto</i>		
A. Dias & C.ª, cheque n. 1 . . . . .		20.000\$00
Saldo para 23 . . . . .		146.425\$06
	199.425\$06	199.425\$06
Saldo . . . . .	146.425\$06	
O thezoureiro — H. Lima.		

### N. 3 Agencia de Santos

Lista dos lançamentos do Livro Caixa em 23 de Janeiro de 1899

	Devc	Haver
Saldo de 19 . . . . .	146.425\$06	
<i>Depositos em C. Corrente «Santos»</i>		
Recebido de Paula Souza . . . . .	30.000\$00	
<i>Ordens de Pagamento s/ S. Paulo</i>		
Recebido de J. Luiz para pagar em S. Paulo, a J. Cooke . . . . .	13.000\$00	
<i>Titulos Descontados em S. Paulo</i>		
Recebido TD SP 16 . . . . .	1.500\$00	
<b>Pago</b>		
<i>Banco do Pará c/c</i>		
Pago pelo s/ cheque n. 3002 . . . . .		5.000\$00
<i>Banco do Commercio «P. Alegre» c/c</i>		
Pago pelo s/ recibo n. 38 A . . . . .		6.500\$00
Saldo para 24 . . . . .		179.425\$06
	190.925\$06	190.925\$06
Saldo . . . . .	179.425\$06	
O thezoureiro — H. Lima.		

### N. 4 Agencia de Santos

Lista dos lançamentos do Livro Caixa em 24 de Janeiro de 1899

	Deve	Haver
Saldo de 23 . . . . .	179.425\$06	
<i>Crédit Parisien n/c</i>		
Recebido pelos nossos cheques n. 14101 de frs. 1400 e n. 14102 de frs 3004 a 1400 réis . . . . .	6.165\$60	
<i>Depositos em C. Corrente «Santos»</i>		
Recebido de Gama Rosa Souza Marques & C.ª . . . . .	30.000\$00	
	16.000\$00	46.000\$00
<i>Descontos</i>		
Recebido dos TD/S 1/4 . . . . .	7.050\$00	
<i>Harris Bank n/c</i>		
Recebido pelo S/E n. 1 £ 1770.5.3 a 7 1/2 . . . . .	53.648\$40	
<i>Titulos Descontados em S. Paulo</i>		
Recebido TD/SP 3 . . . . .	3.000\$00	
<b>Pago</b>		
<i>Caixa Filial de S. Catharina c/c</i>		
Pago pelo seu cheque n. 2 . . . . .		3.000\$00
<i>Titulos Descontados em Santos</i>		
Pago pelos TD/S 1/4 . . . . .	150.000\$00	
Saldo para 25 . . . . .		142.289\$06
	295.289\$06	295.289\$06
Saldo . . . . .	142.289\$06	

(Continua)

Horacio Berlinck.



**A classificacão numérica** - Vamos agora tratar da classificacão numérica.

A classificacão alfabética, bem conduzida, e principalmente tratando-se de muitas contas, presta excelentes serviços e, sob o ponto de vista da rapidez na execucao do trabalho, é decididamente superior à numérica. Todavia, mesmo com a classificacão numérica, o livro de folhas móveis constituiu, sobre o livro de folhas fixas, um progresso apreciável.

No livro cosido, tempo vem em que ha necessidade de deslocar as contas de uns fólhos para outros, à medida que os fólhos originaes se vão enchendo, ao passo que no livro de folhas móveis fácil é conservar o mesmo número a cada conta, pela facilidade em intercalar quantas folhas for necessário acrescentar.

Nesta classificacão numérica não temos a vantagem, que a alfabética apresenta, de dispensar o «índice», mas este fica mais simplificado do que os índices dos livros cosidos: em frente de cada conta figurará apenas um número de fólho, em vez de vários números, e este índice só se faz uma vez, por não haver necessidade de acrescentar novos números sempre que uma conta muda de fólho, como sucede nos livros cosidos. E note-se tambem que o índice uma vez feito, serve para sempre, é eterno, enquanto que com os livros cosidos é necessário fazer um novo índice sempre que se muda de livro.

Evidentemente que o índice para esta classificacão é semelhante aos índices dos livros de folhas fixas, e tanto pode ser em forma de livro como em verbetes (fichas) que se arquivam numa gaveta ou melhor num destes móveis classificadores (ficheiros) que bem conhecidos se estão tornando já entre nós.

Esta classificacão numérica do Razão tem tambem uma vantagem interessante: o número que se dá a um correspondente, no Razão, pode servir para indicar o mesmo correspondente em toda a contabilidade de uma empresa, nos *dossiers*, nas facturas, nas fichas, etc. Temos observado em algumas casas que seguem este sistema, succeder que os empregados se familiarisam de tal forma com o número dos correspondentes que ordinariamente só os tratam pelo número e não pelo nome, como succede com as praças na tropa. Este número chega mesmo a ser muito conveniente quando, por exemplo, nos pedidos que fazemos a uma casa fornecedora, para um cliente nosso, indicamos no boletim de ordem o número do cliente, que assim fica desconhecido para o fornecedor e não para nós. A «numeração» dos correspondentes presta óptimos serviços numa contabilidade.

**Classificacão conforme a natureza das contas** Este sistema, a que pode chamar-se *sistema genérico de classificacão*, consiste em fazer a classificacão pelas contas conhecidas como «gerais», por exemplo: a conta de «valores», as contas de «despesas», as contas de «resultados».

Num Razão auxiliar de folhas fixas, que o contabilista tenha tido a excelente ideia de estabelecer expressamente para contas gerais, a classificacão que usualmente segue é a mesma que para os livros de correspondentes: o guarda-livros classifica-as pela ordem em que elas lhe aparecem. Assim, a conta *Capital* é arrumada no primeiro fólho. A seguir, sucessivamente enfileiram as contas *Mercadorias*, *Caixa*, *Letras a Receber*, etc. Isto, já se vê, dá os mesmos maus resultados que com as contas de correspondentes classificadas pelo mesmo processo: quando o fólho de uma conta está completo passa-se para outra às vezes bem distante, quer para diante quer para trás, o que, em caso de verificacão, nos obriga àquelas enfiadas excursões atravez de todo o livro, maçadoras e que nos roubam um precioso tempo. Quando tiramos balancetes mensais, as contas aparecem-nos geralmente numa seqüência sem lógica, sem ligacão.

Estes inconvenientes não surgem se empregarmos os livros de folhas móveis.

Ha vários processos para seguir a classificacão «genérica». Citemos dois que são os mais importantes.

# FOLHAS e VER

LIVRO «RAZÃO» DE

*Primeiro*: — Em primeiro lugar temos de fazer uma lista geral de todas as contas. Em seguida dividimos todas estas contas em grupos. Cada um destes grupos, que deve ter um título próprio, compreenderá as contas que entre si apresentam uma certa similitude, e cuja reuniao forme um conjunto que dê indicações de interesse. Assim, debaixo do título «Despesas e Resultados», reuniremos: Perdas e Ganhos (1), Despesas gerais, Juros, etc.

Cada grupo terá o seu número de ordem, e as contas que o formam terão o mesmo número seguido das sucessivas letras do alfabeto. Por exemplo: suponhamos que o grupo acima referido (Despesas e Resultados) recebe o número 3: as contas Perdas e Ganhos, Despesas Gerais e Juros terão sucessivamente estas indicações: 3 A, 3 B, 3 C.

Cada conta que forma o grupo, pode por si formar um sub-grupo, uma sub-divisão. Exemplo: o sub-grupo Despesas gerais (marcado 3 B) dividir-se-ha em contas tais como: Contribuições e Impostos, Objectos de escritório, Telegramas, etc. E a estas dar-se-ha tambem uma designação especial. Assim, Contribuições e Impostos terá a designação 3B-1; Telegramas 3B-3.

Por fim far-se-ha um índice alfabético para todas as contas, devidamente acompanhadas da sua designação.

Damos a seguir um esquema de uma organizacão como acabamos de estabelecer. Note-se que os nomes e lugares das contas terão de ser modificados conforme a sua importancia na empresa e segundo o género de exploracão da mesma. Este esquema é estabelecido segundo as indicações do distinto contabilista francês Léon Batardon. E é tempo de dizê-lo: para a delineacão destes artigos estamos-nos guiando pelos magníficos trabalhos de contabilidade deste distinto autor.

## 1 — Contas de Capital.

- A — Capital.
- B — Accionistas.

## 2 — Reservas.

- A — Reserva legal.
- B — Reserva para renovacão de material.

## 3 — Amortizações.

- A — Amortizacão de mobiliário.
- B — Amortizacão de material industrial.

## 4 — Contas de despesas e resultados.

- A — Perdas e Ganhos.
  - 1 — Resultado do exercicio.
  - 2 — Perdas e lucros acidentais.

(1) E não «Ganhos e Perdas».

# MOVEIS BETES

FOLHAS MÓVEIS

*Segundo processo*: — O processo que atraz ficou indicado estará bem para uma empresa cujas contas gerais não exijam uma classificacão muito extensa. Tratando-se, porém, de uma casa de certa importancia melhor será usar este segundo processo que vamos indicar e ao qual se dá o nome de «decimal». Este processo foi inventado ha já umas dezenas de anos pelo americano Dewey. Pode ser aplicado mesmo a classificacões não comerciais pois ha repartições públicas (arquivos bibliográficos, por exemplo) que o adoptam, tendo sido precisamente para assuntos bibliográficos que o seu autor (distinto bibliógrafo) o inventou.

Começa-se por estabelecer uma lista de todas as contas, dividindo-as em grupos cada um com sua rúbrica. O número dos grupos não deve ir além de 10, e convém, de começo, agrupar as contas de modo a não chegar a 10 grupos, para, no caso de mais tarde ser preciso formar qualquer grupo novo com contas não previstas no principio, poderemos fazê-lo sem dificuldade, servindo-nos dos números que faltam para completar os 10. Assim, se for preciso, agruparemos juntamente Créditos com Débitos, Imobilizações com Depósitos, isto é: contas de certa analogia entre si, e deste modo conseguiremos reduzir o número de grupos para não chegar a 10.

Mas suponhamos que logo de principio estabelecermos os 10 grupos, assim: Contas de Capital; Reservas e Amortizações; Contas de Despesas e Resultados; Imobilizações; Depósitos; Stocks; Fabricacão; Créditos; Débitos; Disponibilidades. Considerando o conjunto de todas estas contas como uma unidade, dividimos esta unidade em 10 fracções decimais, ou décimos de unidade, a que chamaremos: 0,0; 0,1; 0,2; etc., e daremos cada uma destas fracções como designacão a cada um dos 10 grupos de contas.

Cada grupo poderá ser tambem, por sua vez, dividido em 10 partes representando centésimos de unidade. Assim, o grupo 0,1 conterà 0,10, 0,11, 0,12, etc. E estes sub-grupos ainda poderão tambem ser sub-divididos em 10 partes chamadas milésimos. Por exemplo: o sub-grupo 0,12 conterà 0,120, 0,121, 0,122, etc. E assim sucessivamente.

Para simplificar a notacão, suprime-se o zero que fica à esquerda da vírgula. Vamos agora dar como exemplo um esquema que, como já dito para o primeiro processo, será, nos seus pormenores, modificado, alterado, conforme a empresa.

Para simplificar a notacão, suprime-se o zero que fica à esquerda da vírgula.

Vamos agora dar como exemplo um esquema que, como já dito para o primeiro processo, será, nos seus pormenores, modificado, alterado, conforme a empresa.

## 0 — Contas do Capital.

- 00 — Capital.
- 01 — Accionistas.

## 1 — Reservas e Amortizações.

- 10 — Reservas
  - 100 — Reserva legal.
  - 101 — Reserva para renovacão de material.
- 11 — Amortizações.
  - 110 — Amortizacão de Mobiliário
  - 111 — » » Maquinismo.
  - 112 — » » Patentes.
  - 113 — » » Construções.

## 2 — Contas de Despesas e Resultados.

- 20 — Perdas e Lucros.
  - 200 — Resultado do exercicio.
  - 201 — Perdas e Lucros acidentais.
- 21 — Despesas gerais.
  - 210 — Artigos de escritório.
  - 211 — Impostos.
  - 212 — Seguros.
  - 213 — Ordenados.
  - 214 — Aluguéis.

— Continua na página número 307 —

- B — Despesas gerais.
  - 1 — Artigos de escritório.
  - 2 — Impostos.
  - 3 — Seguros.
  - 4 — Ordenados.
  - 5 — Aluguéis.
  - 6 — Despesas diversas.
- C — Juros e descontos.
- D — Despesas de venda.
  - 1 — Despesas de viagem.
  - 2 — Comissões sobre vendas.
  - 3 — Réclames.

## 5 — Imobilizações.

- A — Móveis e Utensilios.
- B — Maquinismos.
- C — Marcas e Patentes.
- D — Despesas de instalacão.

## 6 — Depósitos.

- A — Aluguel adiantado.
- B — Agua e luz.

## 7 — Stocks.

- A — Matérias primas.
- B — Mercadorias.

## 8 — Fabricacão.

- A — Mão de obra.
- D — Despesas de fabrico.
  - 1 — Aluguel da oficina.
  - 2 — Carvão.
  - 3 — Energia.

## 9 — Créditos.

- A — Clientes.
- B — Devedores diversos.
- C — Devedores duvidosos.
- D — Letras a Receber.

## 10 — Débitos.

- A — Fornecedores.
- B — Letras a Pagar.
- D — Obrigacões.
- E — Coupões de obrigacões vencidos.
- F — Dividendos vencidos.

## 11 — Disponibilidades.

- A — Caixa Geral dos Depósitos.
- B — Banco Geral do Comércio.
- C — Banco do Ultramar.



# Escrituração de Clubs

## DIÁRIO

Pôrto, 30 de Novembro de 1920.

### Cobrador a Valores à Cobrança

Pela entrega da seguinte cobrança referente a este mês:

624 jóias a 20\$00 . . . . .	12.480\$00	
624 cotas a 5\$00 . . . . .	3.120\$00	15.600\$00

### Valores à Cobrança a Cobrador

Pelo importe da cobrança efectuada neste mês:

563 jóias a 20\$00 . . . . .	11.260\$00	
563 cotas a 5\$00 . . . . .	2.815\$00	14.075\$00

### Caixa a Diversos

Pelo movimento das seguintes contas neste mês:

a Jóias . . . . .	11.260\$00	
a Cotas . . . . .	2.815\$00	
a Desafios de «Foot-ball» . . . . .	8.320\$00	
a Jogos ao ar livre . . . . .	241\$50	
a Jogos diversos e bilhar . . . . .	238\$20	
a Bufete . . . . .	500\$00	23.374\$70

### Diversos a Caixa

Pelo movimento das seguintes contas neste mês:

Caixa Económica . . . . .	3.000\$00	
Alugueis . . . . .	1.300\$00	
Instalações do campo de Jogos . . . . .	9.500\$00	
Móveis e Utensílios . . . . .	4.800\$00	
Ordenados . . . . .	1.000\$00	
Percentagem ao cobrador . . . . .	281\$50	
Gastos gerais . . . . .	90\$70	
Desafios de «Foot-ball» . . . . .	2.754\$10	
Jogos ao ar livre . . . . .	350\$00	23.076\$30

Pôrto, 31 de Dezembro de 1920.

### Cobrador a Valores à Cobrança

Pela entrega da seguinte cobrança referente a este mês:

29 jóias a 20\$00 . . . . .	580\$00	
653 cotas a 5\$00 . . . . .	3.265\$00	3.845\$00

Transporte. . . . . 79.971\$00

Transporte. . . . . 79.971\$00

### Valores à Cobrança a Cobrador

Pelo importe da cobrança efectuada neste mês:

19 jóias a 20\$00 . . . . .	380\$00	
645 cotas a 5\$00 . . . . .	3.225\$00	3.605\$00

### Caixa Económica a Juros de depósitos

Juros em c/ corrente até esta data . . . . . 25\$60

### Caixa a Diversos

Pelo movimento das seguintes contas neste mês:

a Jóias . . . . .	380\$00	
a Cotas . . . . .	3.225\$00	
a Jogos ao ar livre . . . . .	364\$30	
a Jogos diversos e bilhar . . . . .	283\$90	
a Desafios de «Foot-ball» . . . . .	4.630\$00	8.883\$20

### Diversos a Caixa

Pelo movimento das seguintes contas neste mês:

Alugueis . . . . .	1.300\$00	
Ordenados . . . . .	1.000\$00	
Percentagem ao cobrador . . . . .	322\$50	
Gastos gerais . . . . .	80\$90	
Jogos ao ar livre . . . . .	200\$00	
Desafios de «Foot-ball» . . . . .	2.534\$60	
Caixa Económica . . . . .	2.500\$00	7.938\$00

### Perdas e Lucros a Diversos

Pelos saldos das seguintes contas:

a Alugueis . . . . .	2.600\$00	
a Ordenados . . . . .	2.000\$00	
a Percentagem ao cobrador . . . . .	604\$00	
a Gastos gerais . . . . .	171\$60	5.375\$60

### Diversos a Perdas e Lucros

Pelos saldos das seguintes contas:

Jóias . . . . .	11.640\$00	
Cotas . . . . .	6.040\$00	
Desafios de «Foot-ball» . . . . .	7.661\$30	
Jogos ao ar livre . . . . .	55\$80	
Jogos diversos e bilhar . . . . .	522\$10	
Bufete . . . . .	500\$00	
Juros de depósitos . . . . .	25\$60	26.444\$80

Transporte. . . . . 132.243\$20



Transporte. . . . . 132.243\$20

**Perdas e Lucros  
a Fundo Social**

Pela transferência do saldo daquela para  
esta conta. . . . . 21.069\$20

**Balanço  
a Diversos**

Pelos saldos das seguintes contas, que  
representam o Activo:

a *Cobrador* . . . . . 1.765\$00  
a *Caixa* . . . . . 1.243\$60  
a *Caixa Económica* . . . . . 5.525\$60  
  
Segue. . . . . 8.534\$20

Transporte. . . . . 8.534\$20

a *Instalações do Campo de  
Jogos* . . . . . 9.500\$00  
a *Móveis e Utensílios* . . . . . 4.800\$00  

---

22.834\$20

**Diversos  
a Balanço**

Pelos saldos das seguintes contas, que  
representam o Passivo:

*Valores à cobrança* . . . . . 1.765\$00  
*Fundo social* . . . . . 21.069\$20  

---

22.834\$20  

---

198.980\$80

(Continua).

**A. M.**

— *Continuação da página número 305* —

- 215 — Agua e Luz.
- 216 — Diversas despesas.
- 22 — Juros e Descontos.
- 23 — Despesas de venda.
  - 230 — Despesas de viagem.
  - 231 — Comissões sobre vendas.
  - 232 — Publicidade.
- 3 — *Imobilizações.*
  - 30 — Móveis e Utensílios.
  - 31 — Maquinismos.
    - 310 — Máquinas a vapor ou electricidade.
    - 311 — Máquinas manuais.
  - 32 — Fundo de comércio.
  - 33 — Marcas e Patentes.
  - 34 — Construções.
  - 35 — Despesas de instalação.
- 4 — *Depósitos.*
  - 40 — Aluguel adiantado.
  - 41 — Depósitos de Agua e Electricidade.
- 5 — *Stocks.*
  - 50 — Matérias primas.
  - 51 — Mercadorias.
- 6 — *Fabricação.*
  - 60 — Mão de obra.
  - 61 — Despesas de Fabrico.
    - 610 — Aluguel da fábrica.
    - 611 — Carvão.
    - 612 — Energia.
- 7 — *Créditos.*
  - 70 — Clientes.
  - 71 — Devedores duvidosos.
  - 72 — Devedores diversos.
  - 73 — Letras a Receber.
- 8 — *Débitos.*
  - 80 — Fornecedores.
  - 81 — Letras a Pagar.
  - 82 — Obrigações.
  - 83 — Cupões de obrigações vencidos.
  - 84 — Dividendos vencidos.

9 — *Disponibilidades.*

- 90 — Caixa Geral de Depósitos
- 91 — Banco do Comércio.
- 92 — Banco do Ultramar.

Se estabelecermos esta classificação (decimal) procederemos da seguinte forma:

Em primeiro lugar faz-se uma tabela das contas gerais, para a qual servirá de exemplo a que acabamos de descrever. Em seguida temos de fazer um índice alfabético das contas, que tanto pode ser em forma de livro como em verbetes (fichas). Em face do nome de cada conta escreve-se o número que o representa. Por exemplo: Pela tabela acima exposta, a conta Despesas de Viagem tem o número 230; a conta Marcas e Patentes tem o número 33. Para cada conta abre-se então uma folha, no alto da qual se inscreve o nome e o número que a conta tem no índice. O número deve ficar à direita da folha. Colocam-se estas folhas no Razão, por ordem numérica. E' preciso notar que, como suprimimos o zero e a vírgula da esquerda, será o primeiro algarismo da esquerda e não o número completo em si que nos servirá para base de classificação. Exemplo: a conta Despesas de Viagem — n.º 230 — virá primeiro que a conta Marcas e Patentes — n.º 33 —; a conta Máquinas a vapor — n.º — 310 —, virá antes da conta Construções — n.º 34 —.

**A classificação geográfica** — Em certas empresas pode haver alguma conveniência em agrupar os clientes de uma mesma região (provincia, distrito ou país), ou classificar as contas por ordem alfabética das cidades, ou ainda conforme as localidades «feitas» por um empregado viajante. Ainda neste o caso o sistema das folhas móveis apresenta vantagens sobre os livros cosidos, pela facilidade de fazer modificações, ampliações, substituições, etc.

**A classificação alfa-numérica** — Este método consiste em dispor as contas por ordem alfabética, e em cada letra ou sub-divisão de letras, por ordem numérica. Quer dizer: é uma combinação dos sistemas alfabético e numérico. Como não oferece vantagens sobre os precedentes, achamos não valer a pena alongarmo-nos em pormenorizá-lo.

(Continua).

**C. G. C.**



# PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

## Outra solução do problema n.º 15

Redução das 12 toneladas, 7 quintais, 3 arrobas e 14 arrateis a arrateis.

$$1 \text{ Tonelada} = 20 \text{ Quintais}; \text{ portanto } 12 \text{ T} \times 20 \text{ Q} = \begin{array}{r} 240 \text{ Q} \\ \text{Mais} \\ \hline 7 \text{ Q} \\ \hline 247 \text{ Q} \end{array}$$

$$1 \text{ Quintal} = 4 \text{ Arrobas}; \text{ logo } 247 \text{ Q} \times 4 \text{ A} = \begin{array}{r} 988 \text{ A} \\ \text{Mais} \\ \hline 3 \text{ A} \\ \hline 991 \text{ A} \end{array}$$

$$1 \text{ Arroba} = 28 \text{ Arrateis}; \text{ por isso } 991 \text{ A} \times 28 \text{ Arr} = \begin{array}{r} 27748 \text{ Arr} \\ \text{Mais} \\ \hline 14 \text{ Arr} \\ \hline 27762 \text{ Arr} \end{array}$$

### Verificação

$$\begin{array}{r} 1 \text{ T} = 2240 \text{ Arrateis} \\ 1 \text{ Q} = 112 \text{ " } \\ 1 \text{ A} = 28 \text{ " } \end{array} \quad \begin{array}{r} 2240 \text{ Arr} \times 12 \text{ T} = 26880 \text{ Arrateis} \\ 112 \times 7 \text{ Q} = 784 \text{ " } \\ 28 \times 3 \text{ A} = 84 \text{ " } \\ \hline 14 \text{ " } \\ \hline 27762 \text{ " } \end{array}$$

Agora, para mais facilidade de cálculo, reduziremos os 12<sup>sh</sup> e 5<sup>ds</sup> a fracção decimal.

Para isso, podemos adoptar vários processos. Vamos utilizar-nos da seguinte tabela:

### SHILINGS

### PENCE

1 — 0,05	13 — 0,65	1 — 0,004166
2 — 0,10	14 — 0,70	2 — 0,008333
3 — 0,15	15 — 0,75	3 — 0,0125
4 — 0,20	16 — 0,80	4 — 0,016666
5 — 0,25	17 — 0,85	5 — 0,020833
6 — 0,30	18 — 0,90	6 — 0,025
7 — 0,35	19 — 0,95	7 — 0,029166
8 — 0,40	20 — 1 Libra	8 — 0,033333
9 — 0,45		9 — 0,0375
10 — 0,50		10 — 0,041666
11 — 0,55		11 — 0,045833
12 — 0,60		12 — 0,05 (Um shiling)

$$\begin{array}{r} 12 \text{ sh} = 0,60 \\ 5 \text{ ds} = 0,020833 \\ \hline 0,620833 \end{array} \quad \begin{array}{r} \text{£ } 20 \\ + \\ \hline 0,620833 \\ \hline 20,620833 \text{ ou } 20,621 \end{array}$$

### Verificação

$$\begin{array}{l} \text{£ } 1 = 20 \text{ sh}; \text{ logo } 0,621 \times 20 = 12 \text{ sh},42 \\ \text{Sh } 1 = 12 \text{ ds}; \text{ portanto } 0,42 \times 12 = 5 \text{ ds},04 \end{array}$$

Temos, pois, £ 20.12.5.

Vejamos qual o custo dos 27762<sup>Arr</sup>.  
Se 2240<sup>Arr</sup>, que equivalem a 1<sup>T</sup>, custam

$$\text{£ } 20.12.5 = \text{£ } 20,621$$

27762<sup>Arr</sup> custarão X

$$2240 : 20,621 :: 27762 : X$$

$$X = \frac{20,621 \times 27762}{2240} = 255,571 \text{ ou } 255,572 = \text{£ } 255,11.5$$

importe de 27762 arrateis.

Desconto de 2 1/2 0/0 ou, 2,5 s/ 255,572

$$\begin{array}{r} 1 \text{ 0/0 de } 255,572 \text{ são } 2,555 \\ 1 \text{ 0/0 } > 255,572 > 2,555 \\ 1 \text{ 2 0/0 } > 255,572 > 1,277 \\ 2 \text{ 1/2 0/0 } > 255,572 > 6,387 \text{ ou } 6.7.9 \end{array}$$

### Verificação

$$255,571 \times 2,5 \text{ 0/0} = 6,389275 = 6.7.9$$

$$\begin{array}{r} \text{Custo da mercadoria sem desconto} \dots \dots \dots 255,571 = 255,11.5 \\ \text{Desconto de } 2 \text{ 1/2 0/0, para pronto pagamento } \dots \dots \dots 6,387 = 6.7.9 \end{array}$$

$$\text{Preço de compra líquido} \dots \dots \dots 249,184 = 249.3.8$$

$$\text{£ } 249.3.8 \text{ a } 108 \text{ \$ } 00 = 26.911 \text{ \$ } 90 \text{ custo do cheque}$$

$$\begin{array}{r} \text{£ } 249, \\ 3 \text{ sh} = 0,15 \\ 8 \text{ ds} = 0,033 \\ \hline 249,183 \text{ ou } 249,184 \end{array}$$

$$249,184 \times 108 \text{ \$ } 00 = 26.911 \text{ \$ } 90$$

$$\text{Custo líquido da mercadoria} \dots \dots \dots = 26.911 \text{ \$ } 90$$

$$\text{Direitos e mais despesas, 7 0/0 de } 26.911 \text{ \$ } 90 \dots \dots \dots 1.883 \text{ \$ } 85$$

$$\text{Custo da mercadoria no armazem} \dots \dots \dots 28.795 \text{ \$ } 75$$

$$\begin{array}{r} 1 \text{ T} = 1016 \text{ Kg} \\ 1 \text{ Q} = 50 \text{ Kg},802 \\ 1 \text{ A} = 12 \text{ Kg},7 \\ 1 \text{ Arr} = 0 \text{ Kg},4536 \end{array} \quad \begin{array}{r} 12 \text{ T} = 1016 \text{ Kg} \\ 7 \text{ Q} = 50 \text{ Kg},802 \\ 3 \text{ A} = 12 \text{ Kg},7 \\ 14 \text{ Arr} = 0 \text{ Kg},4536 \end{array} \quad \begin{array}{r} \times 12 \text{ T} = 12192 \text{ Kg} \\ \times 7 \text{ Q} = 355 \text{ Kg},6 \\ \times 3 \text{ A} = 38 \text{ Kg},1 \\ \times 14 \text{ Arr} = 6 \text{ Kg},35 \end{array}$$

$$\hline 12592 \text{ Kg},05$$

$$12592 \text{ Kg},05 \text{ custam } 28.795 \text{ \$ } 75$$

$$60 \text{ Kg} \text{ custarão } X$$

$$X = \frac{60 \times 2879575}{12592,05} = 137 \text{ \$ } 20 \text{ custo dos } 60 \text{ Kg}$$

Para se obter o lucro de 12 0/0 procederemos do seguinte modo:

A 100 de venda deduz-se o lucro, 12, por que é pela venda que se obtém o lucro, e fica o custo, 88.

$$100 - 12 = 88$$

Portanto: 88 de custo, têm de ser vendidos por 100, para se lucrar 12.

$$137 \text{ \$ } 20, \text{ terão de ser vendidas por } X$$

$$X = \frac{13720 \times 100}{88} = 155 \text{ \$ } 90$$

### Verificação

$$\begin{array}{r} \text{Custo dos } 60 \text{ Kg} \dots \dots \dots 137 \text{ \$ } 20 \\ 12 \text{ 0/0 de } 137 \text{ \$ } 20 \dots \dots \dots 16 \text{ \$ } 47 \\ 12 \text{ 0/0 } > 16 \text{ \$ } 47 \dots \dots \dots 1 \text{ \$ } 98 \\ 12 \text{ 0/0 } > 1 \text{ \$ } 98 \dots \dots \dots 24 \\ 12 \text{ 0/0 } > 24 \dots \dots \dots 303 \end{array}$$

$$\hline 155 \text{ \$ } 92$$

A. M. F.



## CONSULTAS JURIDICAS

Esta secção foi fundada e é mantida por especial obsequio do Ex.<sup>mo</sup> Snr Dr. Abeifard Teixeira, para com «A Voz do Comercio». Podem recorrer a ela todos os assinantes deste Quinzenário, que não estejam em débito.

Só se admitem consultas sobre assuntos comerciais; todas são gratuitas.

### Consulta n.º 13

Tendo encerrado o balanço duma casa comercial, em 31 de Agosto de 1929, serei obrigado por lei a encerrar novo balanço em 31 de Dezembro?

#### Resposta

O Cod. Com. só exige um balanço por ano.

A' face da disposição citada na consulta não é obrigado a novo balanço.

Se, porém, a casa comercial é de uma sociedade, terá de dar balanço em 31 de Dezembro de cada ano, visto o disposto no art. 137.º do Dec. n.º 16731

### Consulta n.º 14

O sócio A, da firma C & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>, cedeu parte da sua cota ao sócio B, sendo, pela escritura de cessão, modificada a firma para C, L.<sup>da</sup>

Pregunto: ¿Posso continuar a escrituração nos livros da antiga firma?

#### Resposta

O comerciante é o mesmo, embora haja modificado a firma. Consequentemente os livros devem continuar os mesmos.

## ENTRE LEITORES

### Consulta n.º 15

¿Qual o processo mais prático de escrituração respeitante a clientes por vendas a prazo muito pequenas, como: 2\$00, 4\$00, 6\$00, 50\$00, 200\$00, etc., que permita não lhes abrir contas no «Correntes»?

#### Resposta à consulta n.º 14

Segundo o art. 30.º do Cod. Com., o comerciante pode ter a escrituração pelo sistema que lhe aprovar e, portanto, escriturar o *Diário Sintético* por partidas da quarta fórmula e adoptar o *Razão Selado* com *Deve e Haver* na mesma página.

**Art. 30.º** O número e espécies de livros de qualquer comerciante e a forma da sua arrumação ficam inteiramente ao arbítrio dele, contanto que não deixe de ter os livros que a lei especifica como indispensáveis.

Pelo que determina o § 1.º do art. 34.º, só em certos casos é permitido escriturar aquele *Diário* em lançamento semanal, quinzenal ou mensal.

**§ 1.º do art. 34.º** Se as operações relativas a determinadas contas forem excessivamente numerosas, ou quando se hajam realizado fora do domicílio comercial, poderão os respectivos lançamentos ser elevados ao diário numa só verba semanal, quinzenal ou mensal, se a escrituração tiver livros auxiliares onde sejam exaradas com regularidade e claresa e pela ordem cronológica por que se hajam realizado tôdas as operações parcelares englobadas nos lançamentos do diário.

Mas quasi todos os guarda-livros escrituram o *Diário Selado* por partida mensal! . . .

E' que adoptando-se o sistema de partidas dobradas, as contas de movimento excessivamente numerozo ou consideradas como tais, arrastam, forçosamente, por contra partida, as contas de pouco movimento, e daí, sufismando, é claro, o escriturar-se o *Diário* mensalmente e até num só lançamento.

Não é, nem podia ser permitido o escriturar o *Diário* mensalmente em qualquer caso, porque isso destruiria o art. 34.º

O lançamento semanal, quinzenal ou mensal pode ser como o consulente indica, se a escrituração tiver livros auxiliares onde sejam exaradas com regularidade e claresa e pela ordem cronológica por que se hajam realizado tôdas as operações parcelares englobadas nos lançamentos do *Diário*. — § 1.º do art. 34.º

A. M. F.

Na frase de Falante, classes e hierarquias sempre as houve e haverá, embora menos rígidas que no passado.

O trabalho não dispensa os recursos dirigentes como a orquestra não dispensa o seu chefe e como o navio não dispensa o leme na procura dos rumos desejados.



## SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA

### MORAL E SCIENTIFICA

Aquilo que sob esta epigrafe aqui foi já publicado em dois números, constitue como que uma introdução ao estudo feito pelo Dr. Donald H. Menzel, norte-americano. Vou tentar colher dêsse estudo, o melhor que puder, alguns dados sobre o assunto, não prometendo contudo obra bem acabada porque a matéria é difficil de tratar; ou ela não estivesse ligada à mansão dos astros e entre elles não existisse a luz...

O que vai ler-se é pois, em grande parte, como que a tradução dêsse estudo e oxalá que eu possa pelo menos traduzir a ideia do autor, não me preocupando com o recorte literário, para o que pouco geito tenho.

Não se pode afirmar de um modo absoluto que o espaço não é nada. Trata-se dum espaço que é realmente vazio mas dum espaço que está sendo medido; por outras palavras, um espaço a que é possível aplicar uma medida de comprimento, como por exemplo uma jarda, ou ainda a incidência de um raio de luz. Parece que devíamos antes referir-nos, não à curvatura do espaço, mas à curvatura da vara de medir...

Poderá preparar-se uma vara de medir perfeitamente direita? Não devemos esquecer que é impossível definir uma linha recta.

O nosso problema não deve ter em vista a exploração do espaço com as hypothéticas varas de medir euclideanas, isto é, rectas, mas como as varas actuais se comportarão quando usadas para observar o espaço. Nada ha de metafísico nisso. A questão é eminentemente prática. Não trataremos de estabelecer um dado tipo de geometria no mundo mas determinar qual é a Geometria natural que o governa.

A linha recta é... a mais curta distância entre dois pontos e por um determinado ponto apenas uma linha pode ser traçada paralela a outra linha dada. Ora isto que aqui se diz são realmente postulados e apesar de serem obvios não se podem provar imediatamente. De outro modo, trata-se de um sistema de geometria que pode ser sujeito à discussão?

O que é certo é que ninguém foi jámais capaz de prová-los. Mas como parece que elles são obvios, a prova é desnecessária. Ora, o que é estranho é que aquilo que é obvio não possa ser provado. Os maiores matemáticos de todos os tempos têm dispensado ao problema os seus esforços, sem resultado. Riemann e Minkowski concluíram finalmente que aqueles postulados são inteiramente desnecessários para o desenvolvimento da geometria. Tem de considerar-se como sendo verdadeiros e depois disso ter-se-ha a Geometria de Euclides. Regeitando-os, temos como consequência uma geometria bastante mudada — linhas rectas movendo-se dentro de compridas linhas curvas.

Dizer que o espaço é curvo, é portanto simplesmente abreviatura, por significar que a geometria adoptada pela Natureza não é euclideana mas de um tipo mais complexo.

Muitas demonstrações de Geometria euclideana não são verdadeiras, ou são, quando muito, aproximadamente verdadeiras nas Geometrias mais modernas.

Quem estuda Geometria elemental, aprende que os três ângulos de um triângulo somam 180°, que é a soma de dois ângulos rectos. A prova dêsse theorema está dependente daquele famoso «postulado paralelo» que se enuncia assim: Actualmente, duas linhas nunca podem ser paralelas devido às diferentes curvaturas que elas experimentam no infinito! Logo, não é necessariamente verdadeiro, desde que um postulado é... apenas um postulado.

Se se medirem os três ângulos dum triângulo, verificar-se-ha que a soma é igual a 180°. Ora, não será isto uma prova de que a Geometria de Euclides é correcta?

Os antigos matemáticos procuravam achar as suas teorias no terreno da lógica apenas. Sendo assim, êsses matemáticos poderiam fazer objecções àquele método de medir os triângulos. Mas se se estender a experiência a todos os tamanhos de triângulos e for encontrada exacta essa medição, a prova pode aceitar-se. Depois de tudo, a prova final de qualquer teoria deve ser a sua demonstração experimental. Literalmente a palavra geometria significa medir a terra, posto que a definição original foi despresada por muitos matemáticos.

Dados três ângulos vamos proceder à sua medição:

$$\begin{array}{r} 44^\circ - 17' - 20'' \\ 75^\circ - 12' - 13'' \\ 60^\circ - 30' - 27'' \\ \hline 180^\circ - 00' - 00'' \end{array}$$

Como se vê, a soma equivale a 180° exactos. Será isto uma prova? Pelo menos, a soma dos três ângulos dêsse triângulo parece preencher os requisitos da Geometria euclideana; porém que diríamos duma soma que fosse igual a 180° - 00' - 01''?

E duma outra que fosse igual a 180° - 00' - 02,5''? Não é isto curioso? § A situação, como se está vendo, é divertida e — como se veria embaraçado quem sugerisse uma prova que tivesse como meio a soma de triângulos pela actual medida. Podia ver-se tentado a atirar para o lado uma teoria desenvolvida acerca de um postulado que não pode ser provado.

E' a lógica de um ponto de vista que se afigura estar na devida ordem. Ha dois mil anos, tais medidas como aquelas que se mencionam acima, não poderiam ser tão facilmente explicadas. Então, toda a gente supunha que a terra era chata mas nós sabemos que ela é esférica.

Ora, em vez de medirmos os ângulos de um triângulo plano, podemos medir os ângulos de um triângulo esférico. Quanto maiores forem as distâncias tanto maior será a discrepância entre as figuras traçadas para serem submetidas à medição e a teoria apresentada. Para todos os fins práticos o triângulo menor pode ser considerado plano.

Por aqui se prova que a Geometria é alguma coisa mais que uma abstracção. E' uma sciência que emprega planos e linhas que não têm nenhuma correspondência na Natureza.

O argumento que serve para provar que a linha recta não existe tambem serve para provar que o plano não existe.

Os antigos supunham que a terra era chata. Conforme as medidas acima indicadas, até agora para triângulos grandes, a antiga creença nesta matéria foi posta de parte. Mas a mudança foi executada gradualmente. A explicação, que para os antigos teria parecido a mais bizarra e artificial, parece para nós a mais natural.

Nada do que é material pode ser perfeitamente plano, porque a matéria é composta de átomos, pequeníssimas partículas cuja forma não é, de modo nenhum, regular. Seria tão difficil construir uma superfície plana de átomos como conseguir outra com a ajuda de uma pilha de balas que se collocassem sobre uma meza com as partes esféricas para cima, desde que os átomos fossem tanto mais pequenos quanto os espaços entre elles fossem invisíveis à nossa vista. Não obstante, elles estariam lá.

Ora os nossos instrumentos parecem provar apenas que a terra é redonda — um pouco mais do que o próprio espaço quando nos parece curvo. Não ha dúvida de que ha superfícies muito mais planas na natureza do que sobre a terra! Suponhamos que podíamos construir os nossos triângulos fora dos raios da luz. O que acontecia? Não ha aqui nenhuma questão de irregularidade.

Podem objectar que as medições referidas acima não provaram que o espaço é curvo. Mas elas tambem provaram que a Geometria de Euclides não pode ser aplicada a superfícies curvas. A luz é constituída por ondas. Actualmente um raio de luz toma esta forma



e a seta que aqui se vê indica o curso que um raio de luz segue no espaço. E' por isto que muita gente fala nas linhas rectas.

Desde que pudessemos construir triângulos fora dos raios da luz, tínhamos ao nosso alcance um meio de observar as estrêlas e medi-las. E' preciso não esquecer que o curso de um raio de luz não é uma linha recta no sentido vulgar. Um raio segue o curso da menor resistência. Neste caso a geometria torna-se num estudo do curso dos raios de luz no espaço, o que constitue sem dúvida um problema perfeitamente definido e concreto. Quando apontamos um telescópio para qualquer corpo celeste, é natural que pensemos que ele se encontra na direcção em que parece estar, mas esse corpo encontra-se abaixo do ponto em que nos parece encontrar-se, pois a luz caminha numa longa curva.

A Geometria de Euclides descreve o mundo como algumas pessoas pensam que ele deve ser. A relatividade considera o mundo tal qual ele é. Os antigos acreditavam que o círculo e a linha recta eram sagrados. Daqui os planetas deviam mover-se em círculos. Mas não é assim.

Não parece estranho que os raios de luz caminhem em curva em vez de o fazerem em linha recta, como era mais razoável?

Se observarmos um peixe dentro da água supomos que ele se encontra em determinado ponto, quando a verdade é que ele se acha abaixo dele. O raio de luz refracta-se ao sair da água.

Ainda fica de pé a questão: Se o espaço é finito e todas as linhas rectas se transformam em círculos, o que fica para além do maior círculo que possivelmente podemos traçar?

Esta questão tem na verdade embaraçado muita gente. Quando Colombo mantinha que a terra era redonda, os seus



# NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

## TEATRO CARLOS ALBERTO

Este teatro, inaugurado se me não falha a memória, em fins do ano de 1897, com a peça de Sá de Albergaria «O Diabo Loiro» e construído por iniciativa do falecido e saudoso empresário sr. Manuel Neves, continua fechado sem um motivo plausível que justifique o seu encerramento.

Ha questão de dois anos, a Inspeção Geral dos Espectáculos julgou-o incapaz de funcionar normalmente, por não ter as condições precisas de defesa contra um sinistro eventual.

Ora a actual Empresa proprietária do dito teatro, que também é arrendatária do Salão Jardim da Trindade, sujeitava-se a mandar proceder às obras necessárias, uma vez que depois lhe dessem permissão para a abertura do mesmo.

Mas a Inspeção Geral dos Teatros, nem diz quais são as obras que urge realizar, nem tampouco deixa funcionar o popular teatro da rua das Oliveiras.

Parece que o seu mal é de origem, e não haver outro remédio senão dar-lhe outra aplicação qualquer, diferente daquela a que sempre tem sido dedicado.

Mas é curioso saber-se, que em Lisboa ainda ha bem pouco tempo, funcionava lá o Eden, teatro sem condições nem de defesa, entalado num segundo andar do palácio que pertenceu ao Marquês da Foz, existindo também no mesmo prédio o Salão Central e o Salão Foz, e contudo a Inspeção Geral dos Teatros fazia vista grossa.

Por que tanto rigor para o nosso teatro?

Não temos também a funcionar em Lisboa o Apolo, acanhadíssimo, com os baixos do prédio todos ocupados por estabelecimentos, sem defesa qualquer para um sinistro?

Não são só os revestimentos em cimento armado, nem os pesados panos de ferro, ou outras medidas semelhantes impostas aos empresários de casas de espectáculos, que garantem em caso de incêndio, a segurança do Público. Em caso de sinistro, a primeira condição a observar-se de frontando o perigo, é a serenidade. Mantida ela, acalmados os nervos, qualquer sala de teatro ou de cinema se poderá evasiar em poucos minutos.

Numa época em que a classe dos artistas teatraes atravessa um período de cruciante miséria, lutando com falta de casas de espectáculos, onde possa exercer a sua actividade, quando já se fala em serem encerrados os teatros Sá da Bandeira, do Pôrto, e o Ginásio, de Lisboa, para serem adaptados a cinemas, não ha o direito de se obrigar uma Empresa a ter um teatro fechado numa cidade em que daqui a pouco talvez haja só um para amostra.

Ainda agora, quando da estreia do Circo Konyot-Mariano na esplanada do Salão Jardim da Trindade, a Inspeção Geral dos Incêndios fez diminuir a lotação do dito circo nuns 300 lugares a título de medida de segurança contra um hipotético incêndio, numa espécie de barraca de campanha, sem decorações, sem pinturas, com um simples toldo a cobrir uns modestos bancos de pinho.

Oh! senhores, para que tanta exigência, tanta esquisitice, com as casas de espectáculos, não se olhando para esses clubs de dança e cafés cantantes, que para aí funcionam, onde se aglomeram diariamente muitas dezenas de pessoas, com uma única porta de entrada e... de saída.

Já bem basta haver naqueles a assistência permanente de um piquete de bombeiros durante o seu funcionamento, pago pelas Empresas, o que sucede em poucos Países.

O que não ha é o direito de lesar duramente os interesses da empresa proprietária do teatro Carlos Alberto, neste faz que anda mas não anda, de nem dizer as obras que são precisas, nem deixar abrir para funcionar normalmente, como sempre funcionou durante perto de 30 anos, aquela casa de espectáculos, inspiradora de tão saudosas recordações da mocidade, a quem estas linhas escreve.

antagonistas procuravam contestar a sua afirmação com a pergunta: Se caminhando sempre em frente iríamos encontrar os antipodas? Sempre a questão do lado oposto do Universo!

Mas a terra não é chata. Ha um limite determinado para o tamanho do maior círculo que sobre ela pode ser traçado. Sendo assim, pergunta-se: Quando estivermos sobre algum destes círculos, sobre o equador, por exemplo, não nos precipitará no «além» o nosso passo seguinte? Do mesmo modo que a terra, o Universo é finito e *ilimitado!* E o que poderá alguém ver se conseguir chegar ao próprio extremo do limite do espaço de Einstein, para lá desse limite?

## AGUIA D'OURO

Até que finalmente, foi-nos dado apreciar o primeiro filme português, que pode ser visto por pessoas que não vão pela primeira vez ao cinema.

Depois dos fracassos da «Canção do Berço» e da «Dama que Ri», a «Minha Noite de Nupcias» veio arripiar caminho e persuadir-nos que *alguns* dos nossos artistas quando bem ensaiados por um realizador da categoria de E. W. Emo, o realizador do filme silencioso «Le Coq Rouge», podem vir a fazer alguma coisa.

Estevão Amarante, artista popular, revela uma grande queda para o cinema, tendo marcado tôdas as suas scenas com notável sobriedade.

Beatriz Costa, que nunca tinha trabalhado para o cinema, conseguiu agradar-nos quasi plenamente. Tem uma bela expressão cinematográfica e com o tempo pode vir a ser uma boa artista de cinema.

Leopoldo Froes, o grande artista brasileiro do *Quebranto*, é uma vocação declarada para a *tela*. E' mesmo talvez a mais palpável que temos apreciado entre os artistas que falam a lingua de Camões.

Apesar da pelicula ser portuguesa, o Aguiá esgotou as suas lotações com as exhibições deste tão reclamado filme, durante 3 semanas consecutivas, facto muito para apreciar no nosso velho burgo, pois que raramente se tem verificado nos nossos cinemas.

Presentemente temos o filme a «Severa», que sem dúvida constituiu outro legítimo successo.

## SALÃO-JARDIM DA TRINDADE

Depois do «Rei do Jazz», scintilante album animado, de cujas páginas saem maravilhas num dilúvio de magia, tivemos uma realização notável da «Ufa», «A's ordens de Vossa Alteza» de enredo leve e tema decalcado nos motivos das embaladoras operetas vienenses.

Ultimamente foi passado no *écran* deste bem frequentado cinema o filme sonoro da guerra «A oeste nada de novo», pelicula que obteve no estrangeiro um êxito colossal, não só devido à forma brilhante como o assunto é tratado, tanto sobre o aspecto cinematográfico, como pelos efeitos da sua sonorização.

Esta fita tão discutida de Lewis Milestone extraída do livro de Erich Maria Remarque, mantem o mesmo espirito anti-militarista, a mesma impressiva propaganda contra a Guerra, que a leitura do célebre romance nos deixa na mente.

Contudo devemos dizer em abono da verdade, o romance exerce no espirito uma impressão mais profunda e dolorosa, talvez devido ao facto do cinema da guerra estar já muito banalizado.

Tecnicamente o filme é dos mais impressionantes do género. Não será o melhor, mas é sem dúvidas dos melhores. Os quadros da vida das trincheiras sucedem-se com todo o horror e cruza. Emociona dolorosamente a entrada dos rapasitos, que mal atingiram a adolescência, na luta bárbara e sangrenta.

Desempenho excelente. Lewis Ayres no protagonista tem um optimo trabalho, assim como Wolhelm que no papel de Katzinski tem uma verdadeira criação.

O Trindade com esta exhibição registou abundantes enchentes.

Não devemos deixar de frisar, somente por homenagem à verdade, o emêro e gosto artistico que preside à organização dos programas distribuidos tôdas as noites neste Salão.

Sabemos que o encarregado desse trabalho é o sr. Alberto Pereira, cinéfilo apaixonado e conhecedor profundo de todos os assuntos que respeitam ao mundo da *tela*.

Já dirigiu a revista «*Espectáculo*», em que se revelou um crítico consciencioso e sabedor.

Esse programa além de elucidar os espectadores sobre os argumentos das fitas, tambem lhes fornece as mais picantes notícias colhidas nos bastidores dos *studios*.

Mas o espaço com que nos familiarisamos e que envolve a Terra é tão euclideo (plano) que a nossa mente recusa-se a considerá-lo de outro modo que não seja assim.

Ora nós sabemos que é impossível delinear uma superficie curva sobre uma folha plana de papel, sem contorsão. Do mesmo modo não nos é possível ajustar um mapa plano sobre um globo onde esteja desenhado o mapa-mundo. E quanto mais tentamos ajustá-lo mais necessidade sentimos de o dobrar e amarrotar, esse mapa euclideo, afim de torná-lo curvo à roda do globo!

Braz Pôrto.



**CONVÉM** a quem deseje estudar contabilidade;

A **TODOS** os estudantes de comércio;

Aos professores de ensino comercial;

A **TODOS** os empregados no comércio e muito especialmente aos guarda-livros;

Aos comerciantes, etc.

## A VOZ DO COMÉRCIO

QUINZENÁRIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

Visa principalmente a formação da melhor capacidade técnica, literária e moral, necessárias para se ser verdadeiro guarda-livros moderno, e a defesa profissional



No género não se publica melhor em Portugal.

É vendido pelo custo, porque o principal objectivo é defender e auxiliar a Classe.

Só se vende por assinatura.

Os assinantes teem direito a consultas jurídicas grátis sobre assuntos de comércio.

**SUMÁRIO:** Guimarães, pág. 297. — Qual a melhor tinta portuguesa de escrever?, por *António Martins da Fonseca*, pág. 298. — A nomeação dos peritos em contabilidade e a retribuição do seu trabalho, (conclusão), por *Enildo de Figueiredo*, pág. 299. — A contabilidade dos gastos com conferência, por *José Gardó*, pág. 300. — Pequenas, grandes coisas..., por *M. V.*, pág. 301. — Formas muito práticas de arrumar qualquer

escrituração comercial, (continuação), por *A. M. F.*, pág. 302. — Monografia — Contabilidade bancária, (continuação), por *Horacio Berlinck*, pág. 303. — Folhas móveis e verbetes, por *C. G. C.*, pág. 304. — Escrituração de Clubs, por *A. M.*, pág. 305. — Problemas, por *A. M. F.*, pág. 308. — Consultas jurídicas, pág. 309. — Entre leitores, por *A. M. F.*, pág. 309. — Secção literária, artística, moral e científica, pág. 310 e 311.

### Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

Empreza ANTONIO CASTRO

#### Companhia de Revistas MULATA BRASILEIRA

(INTERPRETE DO «FOLK-LORE BRASILEIRO»)

Lindos cenários

Música tipicamente brasileira

Costumes e cenas do Brasil

MODINHAS, SAMBAS, MAXIXES E CATÊRÊTÊS

#### Jardim Passos Manuel

Telefone, 1034

Empreza Artística, Limitada

Diversões no Jardim

Cinema ao ar livre

Música

Iluminações

Tiro ao alvo

Outros atractivos

Hall e Jardim . . . . . 3\$00

#### Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vous da sociedade elegante portuense

#### SOIRÉES CHICS

As mais belas e deslumbrantes produções do

**Cinema Falado e Cantado**

FILMES ESCOLHIDOS

JORNAL SONORO METROTONE

Programas variados

Matinéas às *Quintas e Domingos*

#### Olympia

Telefone, 533

#### CINEMA SONORO

Reprodutor de som: SUPER-NITZSCHE 1931

A última novidade alemã em aparelhagem sonora

Programas organizados por *Raul Lopes Freire*

**Sessões da Moda às Segundas-feiras**

A BILHETEIRA ABRE Á 1 HORA DA TARDE

## ESPECTACULOS

## E DIVERSÕES

Telefone, 2619

### Agua d'Ouro

#### O cinema sonoro mais luxuoso do Pôrto

Aparelhos de reprodução **Western-Electric** precisamente iguais em marca e volume de som aos do Cinema *Paramount* de Paris

FILMES DE ALTA CLASSE SINCRONISADOS

#### Matinéas elegantes

Às Quintas-feiras, Sábados e Domingos

#### Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

#### Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

#### Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor ALFREDO CALDEIRA

#### Palacio de Cristal

Telefone, 89

O cinema mais barato do Pôrto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

às *terças, quintas e domingos*

#### Chás Dansantes

no «dancing» do Restaurant

#### JANTARES CONCERTOS

todos os dias às 19 horas

#### VISITEM O AVIARIO

com as suas novas colecções de cães de raça e pássaros exóticos

#### Odeon "Cine-Teatro"

Empreza A. DA SILVA MARTA — Telefone, 4850

R. Pinto Bessa (ângulo da Rua Nova da Lomba)

#### CINEMA MUDO

SUPER-PRODUÇÕES

CINE-FARÇAS

REVISTAS MUNDIAIS

DESENHOS ANIMADOS

DOCUMENTARIOS

FITAS POLICIAIS

**MAGNIFICA ORQUESTRA**

Preços populares